

JORNAL DAS SENHORAS.

JORNAL DA BOA COMPANHIA.

Modas, Litteratura, Bellas-Artes e Theatros.

O programma e condições deste jornal encontram-se na ultima pagina da capa.

MODAS.

Amaveis leitoras: é para vós já cousa sabida, a visita feita ultimamente a Pariz pela Rainha de Inglaterra, mas isso não nos impede de vos dizermos que por tal motivo houve naquella capital festas esplendidas, sendo uma das mais notaveis o baile dado no *Hotel de Ville* ou palacio municipal, que apresentou um golpe de vista magico.

Versailles, a antiga residencia dos reis de França, pareceu renascer a novas glorias, e tinha readquirido todo o esplendor com que brilhára no bello reinado de Luiz XIV, para receber condignamente a illustre soberana da Grã-Bretanha. E agora, de tudo isso, como de todos os gozos deste mundo, que o tempo com-sigo leva, apenas resta a lembrança, mas lembrança que viverá nos annaes da historia.

A moda não esteve inactiva durante esses dias de regosijos incessantes. Um tempo admiravelmente bello, permittiu os *toilettes* os mais leves e os mais elegantes; assim todas as damas tinham trajos diaphanos e vaporosos, e parecião fazer assalto de casquilharia. Os vestidos brancos de folhos bordados, os em cassa de linho e em barege, em ramagens e desenhos diversos, vião-se em quantidade; seguirão-se depois os ricos estofos de seda, e com elles os pontos em renda preta, os manteletes de nobreza branca, bordados e ornados de magnificas rendas brancas mui largas; emfim uma infinidade de phantasias deslumbrantes de frescura e graça.

Quanto aos vestidos de baile, muitos erão em filo e escomilha, sobretudo branca. Via-se saias entufadas até os joelhos, com um semeado de flores e de borboletas em fita. Outras erão guarnecidas de folhos orlados de muitas ordens de pequenas fitas em setim. Havia tambem vestidos de garça enfeitados com palhetas de ouro ou prata, de um mui brilhante effeito. Depois sobre vestidos de estofa de seda, guarnições de flores ou de crespos de fita postas em zig-zag, e de que cada ponta de festão era marcada por um laço de fita. Ajuntai a tudo isto uma profusão de brilhantes, todos os *toilettes* novinhos do trinque, e tereis uma idéa do painel encantador que apresentavão esses salões cheios de mulheres, moças, bellas, e sumptuosamente adornadas.

Muitos dos corpinhos erão ornados, e havia tambem á Luiz XV, quadrados, com travessas compostas de crespos ou fitas postas a chato, e laços. Em alguns vestidos o corpinho era pontudo, chato, e os enfeites em escomilha ou filo. Um grande folho partindo da cintura, formava dupla saia. Este folho, bem como o que o acompanhava, era ornado de presilhas em setim, postas de espaço em espaço, e orladas de pequeno blonite levemente encrespada.

Notou-se no baile da corte, em Versailles, muitíssimos penteados em flores e frutos.

Até domingo.

DESCRIÇÃO DA ESTAMPA.

VESTUÁRIO AOS BANHOS. — Cabellos em bandós-entufados; esconde-pente em tafeté roxo e renda.

Vestido de tafeté com quatro folhos de listras e orlados de franjado.

Corpinho chato, decotado. A manga, mui curta na hombreira, é continuada por tres entufados de filó que párao abaixo do cotovello, e termina com dous folhos de renda realçados ao braço por um laço de fita.

Lenço do pescoço á Imperatriz, em filó guardado de duas rendas, que se reuñem pé a pé no encruzado e recahem em barba. Este fichu é franzido na espada e decotado atraz, e atado

na frente por um laço; outro guarnece o alto do corpinho.

MEIO TOILETTE DE PASSEIO. — Chapéo de palha d'Italia, ornado de filó e renda preta, veludo, blondes, flores e plumas matizadas de preto.

Roupão em nobreza de mil quadrados.

Corpinho afogado, liso; mangas de tres sinos. Pequeno collarinho e sub-mangas em renda branca.

Saia lisa: o corpinho e a saia são abotoados direito, de alto a baixo.

Chale *Ristori* em cachemire escarlate, bordado ao *crochet*, de um pequeno desenho em cordão-sinho preto, e guarnecido de renda preta.

CHRONICA DOS SALÕES.

— Que máo tempo, leitoras! Agora mesmo me levanto da cama, e com quanto seja tarde, não foi sem constrangimento que o fiz, porque o calor faz agente tão molle e abatida que a preguiça é a consequencia necessaria. Mas quereis saber porque sollicita me ergo combatendo a tal senhora preguiça? E' porque quero receber já de pé a minha companheira Emilia que ficou de vir hoje e que não deve tardar. Eis que batem: parou uma cege, não deve ser outra pessoa. Ora! meu dito! meu feito!

— Bons dias, Alina; como passastes, meu hem?

— Imagina-o tu, e assim poupa-me repetir-te o que por ahí se repete mil vezes por dia em um milhão de bocas. Todos se queixão da intensidade que o verão vai tomando, da inconstancia do tempo, das consequencias que essas mudanças subitas da temperatura athemospherica devem trazer á nossa saude. Uns na realidade queixão-se com razão e fundamento, outros por habitó, outros por luxo, etc.

— E' verdade; mas dize-me uma cousa: em que pensáveis ainda ha pouco?

— E' boa! Pensava em ti.

— Obrigado!

— Duvidas, ingrata? Ah! hem mostras que nunca quizeses bem, no que te dou os meus parabens porque o tormento mais cruel e ao mesmo tempo seductor que geralmente se conhece, é um estado particular de que nos possuimos quando somos o alvo da ervada setta do caçador vendado de que nos falla a mythologia, e que figura nas effusões volcánicas dos cultivadores das Minas. A incerteza, a duvida, e o temor são por excellencia os elementos constantes que fazem

do espirito mais firme e determinado um cháos de perplexidade e contradicções quando se é o joquete de uma paixão que nos domina, de um fogo que abraza, de uma avidez que nos devora.

Sei que imitar o fabuloso *Conde de Monte-Christo*, do *Simbad-o marujo* de que falla *Alexandre Dumas*.....

— Oh! Oh! E' galante! Aonde queres levar a paridade extravagante entre mim e esse heróe que aprendeu nas trevas de uma masmorra a conhecer os homens?

— Não te quero comparar a elle *in toto*, como dizem os estudantes de latim, não, com essa não te fiamberás, minha amiga.

— Fazes-me rir, Alina.

— Lembras-te do almoço contratado em Roma para dahi a tres mezes na rua do Helder n.º 10 em Pariz em casa de Morcerf? Pois bem, o *Marselhez* sahiu da cidade eterna e no dia em que fazia tres mezes, exactamente ás 10 horas da manhã, passeava-se á porta de Alberto de Morcerf, com grande pasmo de todos, excedendo além da hora apenas dez segundo no seu chronometro do que pediu desculpa porque foi o tempo que o cocheiro levou a mndar os cavallos na posta, facto este que não pouco o contrariou.

— E então?

— Quero dizer que tens a pontualidade de *Monte-Christo*, que não deixarias de me vir ver no dia e hora em que t'o pedi porque bem sabes que um momento de espera para quem ama equivale a um dia e ás vezes a mais.

— Como és insinuante! Dais licença que faça tudo isso pela metade.

— Não, Emilia!



Jules David

L'éditeur est à l'adresse de la Librairie de Paris

Willy

LE MONITEUR DE LA MODE

Paris, Rue de Richelieu, 92.



*Modes d'Alexandrie. Costumes de R. Thopiteau. Anc^{me} M^{me} Popelin Bucarre
 Plumes de M. Verrot Veut & C^{ie}. Dentelles de G. Violard. Corsets de - Mad^e
 Hippolyte fournisseur de - S. M. l'Impératrice. Parfums de Segrand
 fournisseur - Bouche de - S. M. l'Empereur et des Cours Étrangères*

LONDON, at the Boutique Office 65, Greek Street, Soho. NEW-YORK, E. B. Stearns, 357

MADRID, P. de la Prta

— Pois bem, vamos ao que serve, conta-me alguma novidade.

— Você que vem de fóra é quem m'as deve dar. Em que ficarão os teus *soirées* do outro dia?

— E' verdade! Na terça-feira da semana passada diverti-me bastante em um simples porém bello passatempo que teve logar na rua da Princesa dos Cajueiros em casa de um illustrado patriarcha, uma notabilidade scientifica da nossa Academia de Medicina, um vulto imponente e magostoso do nosso Panthéon. Cavalheiro perfeito, conversou commigo, tratou-me com toda a delicadeza que caracteriza o homem instruido e verdadeiramente civilisado, sem saber talvez que eu 'sou unhas e carne com a redactora da *chronica*.

Lá estive tambem com um estudante de medicina que folgava descuidado, saboreando a approvação que na manhã desse dia obtivera no exame do 5.º anno medico. Os *toilettes* erão *sans facon*, porém de muito gosto, e o serviço foi o melhor possível. Retirei-me grata á boa companhia e aos dignos *amphytriones*, e lição-gueda do passatempo completo que frui.

O *soirée* do Largo da Lapa foi na sexta-feira: um grupo de moças lindas e encantadoras formava um ramalhete caprichosamente acabado, donde se exhalava um perfume tão inebriante que fazia esquecer o mundo, e obrigava a idealidade a obedecer gostosa á acção daquelles estimulantes celestiaes. Rivalisando os *toilettes*, os *bouquets* e os penteados, concluo por dizer-te que apezar do emprego de toda a minha attenção não pude estabelecer preferencia, e ébria de seducção e magia acabei por gostar de todos. *E mais não disse*, como dizem os escreventes de cartorios quando lavrão auto de inquirição de testemunhas:

— Ora bem; porque não foste sabbado á *Euterpina*? Fizestes mal porque o baile esteve muito decente e animado. Encontrei lá uma

deidade que ainda não me fugiu da lembrança; e que me fez grande impressao; era uma moça gorducha; bem feita, nem muito clara nem muito morena, em *mezzo termo*, trajando vestido de nobreza cor de canna com babados, e uma linda grinalda de flores escarlates no cabello. Se fosse rapaz apaixonar-me-hia por ella, endocosava-a, fazia-lhe um *Idyllo*, cons-tituia-a rainha e senhora do meu pensamento...

— Porque não indagastes quem era?

— Para que?

— Para saber.

— Ora! não valia a pena incorrer no risco de ouvir dizer que as senhoras são curiosas.

— Na quarta-feira estivemos juntas de camarote na noite da *Sapho*, no beneficio de M.^{mo} Annetta Casaloni. Que enthusiasmo! Que de *bouquets*! Ella deve dar-se os parabens por ter encontrado no publico fluminense um justo apreciador dos seus talentos.

— E' verdade, Alina; mas entristeci-me ouvindo dizer que esta cantora e a Sra. Char-ton não rescindir os seus contractos.

— Sim! averiguaremos isso melhor. Deus nos livre! O' Emilia, sabes o que mais? Desde já-te convindo para o dia 6 de dezembro irmos ao beneficio da Sra. Racciolini. Ella leva um bom drama — *A Mão de Deus*, e uma excellente comedia — *Aqui d'elrei ou o roubo na casa dos estudantes*, factio original desta nossa cidade e habilmente escripto e desenvolvido por um futuro Esculapio com quem me dou, moço de alta esphera e de grandes esperanças: se o animarem ha de ser um genio poetico e dramatico. Oxalá que a Sra. Ricciolini seja tão feliz no seu beneficio como o foi na escolha do espectáculo.

— Pois então até quinta-feira que vem. Adeus.

Alina.

O POBRE MATHEUS.

(Continuado do n. 47.)

— Não temais nada do ar um pouco triste que Marie tem hoje, disse a Sra. Villeneuve ao Sr. de Chaleilles, acabamos de ter uma grave conversação que a impressionou fortemente.

As relações do mancebo naquella casa erão tão estreitas que nada lhe devia ser occulto, e facultavão a liberdade de fazer as perguntas que quizesse sem passar por indiscreto.

— Uma grave conversação! repetiu elle brincando. Oh! oh! não é dos melhores presagios para mim.

As conversações graves de uma mãe com uma filha que está em idade de se casar, trazem sempre consequencias sérias. Terei já o meu passaporte de despedida? Se o vosso silencio o attesta, se os máus olhos que me lançais

o confirmão, não terei outro remedio senão ir suspirar para outra parte, a menos que não fique inconsolavel, o que pôde muito bem acontecer, e que venha a morrer de desespero.

— Não gracejéis, senhor, disse Marie algum tanto zangada.

A pobre moça estava em um supplicio.

— Deixai-a com o seu máu humor, disse a Sra. Villeneuve que tomava a attitude de sua filha por um arresto premeditado.

— Não, continuou o moço tornando-se sério, vossa filha tem hoje algum soffrimento. Minha dedicacão por ella me inspirava máus gracejos para vêr se a fazia rir; porém a emenda foi peor que o soneto porque em vez de rir-se, veio-a chorar.

Effectivamente os olhos de Marie estavam banhados em lagrimas.

— Minha menina, proseguiu o joven conde comovido, não quero saber a causa dos vossos sofrimentos, eutretanto se entendeis que os posso ouvir e acalmar, deveis conhecer-me assás para saber que elles encontrarão um echo amigo em meu peito.

A moça levantou para o conde seus grandes olhos azues humedecidos e envolveu-o em doce triste caricia.

— Nada mais simples, e como sois da familia, nada vos deve ser occulto, disse a dona da casa.

Debalde Marie lançou para sua mãe um olhar supplicante para a impedir de continuar: ella proseguiu.

— Apresenta-se para ella um excellente partido, um rapaz honesto, laborioso, de talento, com todas as probabilidades de adquirir fortuna, porque é filho adoptivo de um rico magistrado de provincia. Creio que conheceis-lo; já o vistes aqui algumas vezes: é autor de um dos retratos.... vós vos lembrais.

— Qual? aquelle rapagão que sempre andava com as mãos nas cadeiras?

— Não, não, o outro.

— Tanto melhor, porque se o meu primeiro olhar me não enganava, pareceu-me ser um bom gaiato.

— Oh! felizmente Matheus nada tem de commum com o tal Sr. Valdroche; e Marie não podia encontrar melhor marido.

— Para ser bom marido não é sufficiente que cuide dos arranjos domesticos, é preciso que seja amado por aquella a quem elle ama: se o Sr. Matheus não está neste caso, não fareis de certo a felicidade de vossa filha.

— Eutretanto, Sr. Alfredo, vedes que o meu dever me obriga a fazer a diligencia.

— E o seu a obriga a resistir, se o seu coração não lhe disser que vos deve obedecer.

A moça tinha occulto o rosto entre as mãos. Neste momento vierão chamar a senhora para um mister do serviço da casa.

— Eu vos deixo por um momento, Sr. Alfredo, convertei-a; — descanço na vossa eloquencia.

A moça continuava com o rosto occulto entre as mãos; o Sr. de Chaleilles tentou separal-as, e viu então apparecer como uma flor molhada pelo orvalho, o lindo rosto de Marie lavado em lagrimas. Não poude evitar uma grande emoção. Suas mãos estremeçerão apertando as da moça, seus olhos exprimirão igualmente um sentimento mais tenro que de costume, e sua voz tornou-se mais maviosa e penetrante quando disse:

— Marie, porque chorais?

Ella não respondeu.

— Sou eu quem vos aminho com as minhas brincadeiras?

— Sim, disse com sorriso repassado de angustia e de dôr.

— Mas para que os tomais ao serio? Ha muito que me conheceis e sabeis quanto gosto de brincar.

— Sei, mas hoje não estava para isso. Sabeis

que ha dias em que a gente anda indisposta: outro qualquer dia estarei mais alegre; responderei aos vossos gracejos: já estou melhor, não choro mais; vede.

Com effeito não chorava mais, porém o seu olhar triste e abatido causava mais pena do que as lagrimas.

— Minha amiga, continuou o Sr. de Chaleilles com ar grave, teudes sem duvida algum segredo que vos opprime; porque não m'o confiais, a mim que vos amo como a uma irmã?

— Não, não, disse a moça com precipitação tirando as suas mãos que estavam nas do mancebo, eu nada tenho, nada posso dizer-vos.

Alfredo tornou a pegar em uma das mãos que lhe escapavão, e chegando a moça junto ao seu coração:

— Menina, disse com bondade, tenho algum direito de saber qual é a causa da vossa tristeza. Vi-vos nascer, meus primeiros brincos datão desde o vosso berço: quando pequenina, vos tomava nos meus braços como hoje, sempre prompto a vos entreter, sempre sollicito em seccar o vosso pranto. Nunca vos causei um pozar, e quando mais tarde quizeis aprender a lêr nos meus livros, eu vos fazia soletrar as orações do vosso livro de missa; assim fostes crescendo, com as tuas mãos nas minhas, com o vosso coração diffundido no meu. E agora que sois moça, agora que teudes de lutar com mais difficuldades, agora que sois mais accessivel á dôr e aos soffrimentos, Marie, tirais de mim esta doce confiança dos antigos dias, dvidais de mim porque a vossa afeição para mim já se extinguiu.

— Alfredo, exclamou Marie, se me amais não falleis mais assim porque me espedaçais o coração. Não sabeis, não podeis saber... não, não sabereis, eu nada tenho, nada occulto, nada posso dizer-vos.

— Minha amiga, minha querida Marie, continuou de Chaleilles apertando mais a moça contra o seu peito.

Esta estremeçia ao aperto, e achava-se sem forças para resistir; sentia-se desfallecer, seus olhos não vião mais, seus ouvidos não ouvião mais, sua boca muda, e sua cabeça pendida sobre o hombro do mancebo, inclinava-se como um lirio cortado em sua haste.

Porém o Sr. de Chaleilles era a hora em pessoa, e um pensamento criminoso não podia surgir no seu espirito. Sem atinar com a causa de que elle era o motivo, experimentou uma instinctiva apprehensão e tirou o braço que tinha em torno do corpo da moça: esta cahiu desfallecida a seus pés.

— Que fazeis? exclamou.

— Alfredo, respondeu ella com voz enfraquecida e juntando as mãos, eu vos imploro uma graça.

— Farei tudo o que quizerdes; não conheceis a minha ternura para comyosco?

— Alfredo, se quereis que eu tenha coragem e que seja forte, peço-vos que não me falleis mais assim.

— Que quereis dizer?

— Quero dizer que se me amais, deixar-me

heis com a minha dor; se me amais, parti, não volteis mais a esta casa. Agora sabeis de tudo. E a moça prorompeu em soluços.

— Que significa isto? disse Alfredo levantando-se e passando a mão pela testa como quem acaba de um sonho.

Depois abaixou-se com socorro e levantou a moça que jazia estendida sobre o soaíto para a collocar na sua poltrona.

Um silencio profundo e doloroso succedeu á scena que acabava de se passar. Quando a Sra. Villeneuve voltou para a sala encontrou sua filha assentada no mesmo logar e na mesma attitude. O Sr. de Chaleilles estava em frente a ella com o cotovello apoiado no fogão, as mãos cruzadas, com a cabeça inclinada e os olhos fixos em Marie com estranha expressão.

— Eulão, fizestes com que ouvisse a razão?

— Ainda não, mas espero conseguil-o. Eu vos asseguro, chára Sra. Villeneuve, que se vossa filha não fôr feliz, não dependerá isso de mim.

Tendo pronunciado estas palavras com voz commovida, tomou o chapéo.

— Deixais-nos já?

— São dez horas, tenho afazeres importantes a concluir.... A proposito, onde mora o Sr. Mathews?

Marie estremeceu e ergueu para o Sr. de Chaleilles um olhar terno e supplicante.

— Tranquillisai-vos, disse aproximado-se da moça e tomando-lhe a mão, respeitosa e suavemente, nunca mais vos queixareis de mim.

A Sra. Villeneuve indicou ao moço a moradia de Mathews e com antecedencia manifestou-lhe todo o reconhecimento de que lhe ia ser devedora.

X.

Um instante depois de Chaleilles batia á porta da casa em que Mathews habitava.

— Encontra-lo-heis na rua do Oeste em casa do Sr. Valdroche, respondeu o porteiro.

Alfredo resolveu a fallar immediatamente com Mathews, deu ordem para que o conduzissem á officina de Valdroche.

Com grande surpresa sua um ruído surdo retumbava no corpo principal onde estava situada a officina do artista, e via os lampeões fumando junto á escada. De Chaleilles parou um momento e julgando ter-se enganado, voltou a ter com o guarda portão que de novo lhe affirmou que encontraria com quem fallar logo que subisse a escada d'onde vinha o ruído que explicou em uma palavra:

— E' o Sr. Valdroche que dá um baile.

— Estais certo que Mathews lá se acha?

— Tão certo como vos vejo aqui lá está elle com seu pai.

— Pois bem, ide dizer-lhe que lhe quero fallar.

— E' impossivel, senhor, estou só e não posso sair....

Alfredo escorregou um luis na mão do prudente porteiro.

— Ora bem; vou vêr se o posso servir. Vinde

comigo e quando chegarmos lá em cima, eu entro na officina para trazer-vos o Sr. Mathews.

O Sr. de Chaleilles acompanhou o Cerbero. Subindo dous andares, pararão no ultimo patamar onde se abria a officina de Valdroche. Sobre dous bufetes de gesso prezos ás embeiras da porta, estavam duas garrafas com velas metidas nos gargalos e cuja chamma avermelhada e vacillante lançava fúnebre clarão sobre as paredes cobertas de figuras de gesso algum tanto quebradas e de quadros vazios.

Gargalhadas, gritos e vozerias se fizeram ouvir no apusto.

— Esperai aqui, eu vo-lo trago, disse o chavreiro.

E entreabrindo com vagar a porta introduziu a hedionda cabeça na officina.

— Oh! o pai Eustaquio exclamou uma voz pouco harmoniosa.

— O pai Eustaquio repetirão vinte outras vezes tão harmoniosas como a primeira.

A porta abrindo-se mais, o pai Eustaquio entrou fechando-a apoz si. O Sr. de Chaleilles esperava havia já um quarto de hora sem que voltasse o carcereiro. Subito abriu-se a porta com ruído, dous homens apparecerão carregando um terceiro, dous outros os acompanhavam trazendo tochas acesas; todos os seus vestidos crão exóticos e extravagantes, e repetião em côro com ar fúnebre canções bacchicas; Alfredo mal teve tempo de se encostar á parede para deixar passar o cortejo.

No homem que carregavão reconheceu o guarda portão: O Cerbero estava embriagado. A proccissão descendo a escada sumiu-se no pateo, porém a porta da officina ficára aberta e o patamar foi logo invadido por um bando de personagens fantasticas, uns muito altos e ornados de bigodes, outros baixos e pequenos, outros risonhos, olhar vivo e os cabellos em desordem. Algumas das mais altas trazião longos vestidos, porém a maior parte dos pequenos usava traje masculino, de maneira que a julgar pelas apparencias, os dous sexos se tinhão transformado.

No principio, a presença do Sr. de Chaleilles vestido de preto e de luvas novas não fôra observada; porém terminada a cerimonia fúnebre e quando os conductores com seus acolytos subião a escada com passo vacillante, um delles vestido de dalmatica do tempo de Filippe Augusto, e de boné grego, dirigiu-se para elle com maneiras que trahião uma polidez grosseira. Alfredo tinha já visto aquella figura em alguma parte por consequencia não lhe foi difficil reconhecer Valdroche.

— Que feliz acaso! exclamou este. O Sr. de Chaleilles vem assistir ao meu baile!

— Vim em procura do Sr. Mathews.

— Entri neste sanctuario dos prazeres, que ahí encontrareis o Harpocrata que procurais.

— Desculpai-me, senhor, quero simplesmente dizer algumas palavras ao vosso amigo, e deixo-o logó.

— Não antes de terdes molhado os beiços no copo da hospitalidade.

Hébé, serve aqui ao senhor alguma cousa boa que se beba.

Hébé era uma joven rapariga que teria 15 annos. Sobre seus hombros fluctuava uma roupa á antiga, servindo-lhe de amphora uma billa usada pelos Flamengos.

Deitou em um copo vulgarmente chamado taça o fumegante nectar da Jamaica um pouco delgado em agua, e Alfredo nelle molhou os beiços por comprazer.

— Está bem, disse o Juptiter daquelle Olympo. Eu vos poupo a apresentação dos outros deuses e deusas que aqui se achão, e vou mostrar-vos a morada divindade com quem desejais entender-vos. Ei-la lá está naquelle canto a roer as unhas.

Valdroche dirigiu-se para o angulo mais escuro da casa, e ahí o Sr. de Chalceilles descobriu Matheus sentado em umas almofadas entre duas pilhas de molluras.

— Deixo-vos á braços com o silencio em pessoa, disse Valdroche retirando-se; o dialogo não será lá muito vivo e animado.

Entretanto o Sr. de Chalceilles travando do braço á Matheus, disse-lhe que tinha cousas sérias a lhe communicar.

Sentirão-se ambos nas almofadas, e o Sr. de Chalceilles entrou em materia pela maneira seguinte:

— Sr. Matheus, vós amais: amais á Mll.^o Villeneuve.

O artista fez um movimento tentando responder.

— Eu o sei, proseguiu Alfredo com accento peremptorio.

— E o que vós importa isso? disse Matheus com modo secco.

— Aniquilai esse sentimento de hostilidade que tendes contra mim. Não é como inimigo que venho ter convosco, venho como homem leal que deseja a felicidade de uma pessoa que vós amais, e que quer auxiliar-vos nos meios mais promptos e certos de a conseguir. Não ignoro que sois um homem de honra, e que se appello para a nobreza de vossos sentimentos, não devo encontrar-vos mudo. Aqui tendes a minha mão: quereis aperta-la?

A voz de Alfredo revellava uma franqueza tal que Matheus arrependeu-se de ter feito aquelle movimento ainda ha pouco.

— Perdão, senhor, disse apertando a mão que lhe era offerta.

— Esta palavra não mais deve ser pronunciada entre nós. Amais; que mais explicações quereis? Amais..... e permiti-me perguntar-vos com toda a franqueza se Mll.^o Villeneuve já vos deu esperanza de que sois correspondido?

— Tenho sufficiente conhecimento de mim para pensar que possa agradar á uma mulher, mas por um momento cheguei á crer que á força de cuidados, de ternura, d'alinegação, de perseverança, á força mesmo de me humilhar, eu faria esquecer a minha fealdade. Mll.^o Villeneuve não me repugnava; testemunhava-me mesmo uma certa benevolencia originada, segundo penso, da maneira porque travei conhecimento e na bondade do seu coração.

Ignorais talvez a origem das minhas relações nessa casa?

— Pois bem: eu vos conto essa historia. Uma manhã..... Como os nossos leitores já tem noticia desta aventura, não repetiremos a narração ingenua e exacta que della fez Matheus ao Sr de Chalceilles. A simplicidade de sua linguagem bastaria para captivar a affeição e a estima de Alfredo, se já estes sentimentos não existissem desde o momento em que o artista foi visto pelo joven conde.

Quando Matheus fez pausa:

— Oh! disse Alfredo sorrindo-se, a vossa causa não me parece perdida.

— Até então, não; mas agora depois que apparecestes.

Se o artista na sinceridade e candura de sua alma desprezava toda a vaidade, não é menos certo que neste momento o Sr. de Chalceilles era adverso ao sentimento exagerado de amor proprio, ou de fatuidade.

— Ouvi-me. Dissestes-me a origem das vossas relações com a familia Villeneuve; cumpre que a meu turno vos diga a natureza e effectividade das minhas.

A familia Villeneuve e a minha não fazião mais que uma só quando eu nasci. Vi nascer Marie, adormeci-a nos meus braços quando criança; foi para mim uma irmã nos dias da minha adolescencia, e não cessou de o ser na minha mocidade.

Esta manhã mesmo, não poderia ter para ella outros olhos que não o de um irmão, e agora no momento em que vos fallo, confesso-vos que me seria penoso pensar de outro modo. Entretanto impossivel me é dissimular que a amizade fraternal outr'ora partilhada por Marie, tomou hoje para ella um outro caracter. Que ella julgue encontrar em mim qualidades mais nobres que em qualquer outro; que ella faça a meu respeito um ideal que não tem explicação senão na pureza de seu coração e na elevação do seu espirito, pouco importa; o que não soffre duvida é que a pobre moça enganou-se na escolha do caminho; em vez de seguir por aquelle que a devia conduzir á vossa affeição dedicada e firme, tomou por um que a leva á dor e á luta.

Que fazer para lhe poupar esses dissabores?

— Perguntais-me a mim, Sr. de Chalceilles? Sois amado e hesitais! Ah! se eu estivera no vosso logar!

— O que farieis?

— Desposa-la-hia.

— Racionais como um homem que ama.

— E vós não á amais?

— Amo-a, sim; porém já vos disse de que modo; amo-a como um irmão pôde amar a uma irmã.

Matheus encarou fixamente o Sr. de Chalceilles.

— Não, disse depois de um momento de silencio, e respondendo a um pensamento cruel que o assallou, não podeis seriamente captivar-vos que uma tão grande distancia vos separa de Mll.^o Villeneuve. Se o seu nascimento é inferior ao vosso, só não tem á mesma fortuna que vós, isto não constitue de certo differenças que fação desmerecer aos meus o vosso.

olhos, as virtudes, as graças e os encantos de Marie.

— Fazeis-me justiça fallando assim.

— Far-vos-hei ainda justiça se vos disser a razão porque vos julgo digno della e os motivos que tenho para crer que fareis a sua felicidade.

Não vos dê cuidado o resto: esquecei que vos apertei a mão, e que existe um homem assaz vaidoso e infeliz que ousou erguer mui alto os seus olhos.

Lembraí-vos só de uma cousa, e é que sois amado, que bem cedo amareis, se já não amais.

— E' esse o vosso pensamento, Sr. Matheus?

— E' verdade.

— Pois bem; eu não penso assim; já vos disse que temo o meu caracter e os meus costumes; temo sobre tudo não poder corresponder com uma dedicação absoluta á sua affeição.

Quereis uma ultima confissão? Temo amar uma outra-moça.

O olhar de Matheus relampejou de esperanza.

— Ella ama-vos, continuou elle com tristeza; em recompensa ao seu amor não podeis sacrificar qualquer inclinação de que fosseis susceptivel?

— Não; tenho outra proposta a fazer-vos. Ainda ha pouco Marie me pedia que partisse, para que a minha ausencia a fortificasse: é o que vou fazer; em poucos dias deixarei Pariz e não voltarei antes de um anno. Hoje estamos a 25 de março de 1845, em 25 de março de 1846 estarei de volta e nessa mesma tarde irei á casa dos Villeneuve. Se então o coração de Marie não tiver mudado; se nutrir o mesmo sentimento, queria dizer, o mesmo erro, unirei o meu destino ao seu; se pelo contrario, melhor que eu a souberdes captivar, se a puderdes convencer e demonstrar-lhe que o caminho da ventura deve a guiar para vós, então pedir-vos-hei permissão para contribuir de alguma sorte para a vossa mutua felicidade, e ser o primeiro a apertar a sua na vossa mão.

— Está convencionado?

— Podeis impôr-vos uma tão cruel provação?

— A moça ainda não tem dezenove annos, e não sei que haja motivo algum que a obrigue a tomar já essa deliberação de se casar. — Agora compete-vos não perderdes o vosso tempo, trabalhai, engrandecei-vos, battei o Sr. de Chailleilles depois de ter batido o Sr. Valdroche. Sem me gabar muito, posso dizer que a luta não será tão facil como a outra.

Comtudo, talvez que ainda um dia Marie tenha de me agradecer o ter-lhe dado tão bom marido.

Eia, coragem; até o anno que vem!

— Deixais-nos já? disse Matheus retendo pela mão a Alfredo que se levantava.

— Urge, porque tenho grandes afazeres a terminar esta noite. Logo irei á casa dos Villeneuve.

O Sr. de Chailleilles insinuou-se por entre a multidão, porém felizmente não encontrou Valdroche no caminho. Alguns minutos depois elle entrava no modesto salão da rua do Oeste, onde não encontrou Marie, porque esta alque-

brada pela emoção, acabava de se retirar para o seu quarto.

— Querida Sra. Villeneuve, disse o mancebo ao entrar na casa a que já nos referimos, como tenho de partir sem falta amanhã, venho aqui antes porque tenho a dizer-vos cousas bem importantes. Permitti-me, pois, que vos diga o mais resumidamente que puder, o que fiz, o que resolvi e o que de vós pretendo.

A boa da mulher olhava para Alfredo com admiração: o Sr. de Chailleilles pareceudo não dar fé disso, proseguiu com voz rápida:

— Vi que o Sr. Matheus ama a Marie como um louco, no que tem toda a razão; Marie, rebelde, não lhe corresponde; todavia como na sua idade o coração ainda não se declara com toda a energia e firmeza, eu era de parecer que por ora nada decidissemos a seu respeito, que esperassemos mais um anno.

— Porém o Sr. Matheus quererá esperar? interrompeu a Sra. Villeneuve com o acento de inquietação peculiar a todas as mães quando vêem um obstaculo qualquer surgir contra os seus desigios.

— O Sr. Matheus esperará, respondeu Alfredo; estive com elle, prometteu-me e ha de sustentar a sua palavra. Ajustamos um reu-dez-vos de hoje a um anno aqui em vossa casa.

Promettei-me desde agora que não mais fallareis de casamento a Marie.

— Pois bem, prometto-vos; tambem ella ainda é muito moça, pôde esperar um pouco.

— E assás avisada para não esperar muito tempo. Adeus, querida Sra. Villeneuve, não vos esqueçais de abraçar Marie por mim, já que não a tornarei a ver antes da minha partida, e dai lembranças ao Sr. Villeneuve.

A boa senhora não tinha ainda respondido ao que lhe era recommendado, quando o Sr. de Chailleilles fechava já após si a portinhola do carro.

— Singular rapaz, disse consigo, elle tem por certo algum segredo, o maganão. Ora vejamos se Marie dorme; como não se ha de ella admirar com a sua partida!

A Sra. Villeneuve dirigiu-se nas pontas dos pés para o quarto de Marie, applicou o ouvido para ouvir o sibilar da respiração, e julgando ouvir um ruido surdo:

— Estás dormindo, Marie?

Uma voz suffocada respondeu.

— Tens alguma cousa, estás doente?

— Não, querida mamã.

— Então o que tens?

A Sra. Villeneuve foi buscar uma vela e voltou para junto do leito. A moça tinha feito desaparecer de seu rosto os vestigios das lagrimas, porém o travesseiro sobre que descansava a face estava molhado.

— Estás chorando, minha filha! exclamou a boa mulher com verdadeiro acento d'alma; eia, socega, que nem eu, nem teu pai, nem mais pessoa alguma te fallará em negocios de casamento. Farás o que quizeres; graças a Deus não tens pressa, és moça, bella, não i-

hão de fallar pretendentes, e então quando fizeres a tua esolha.....

A moça deu um suspiro repassado de tristeza.

— A proposito, tenho que dar-te uma noticia singular, e é que o Sr. de Chateilles... como tu sabes.....

Marie abriu grandes olhos ardentes de febre e estremeceu toda; ao olhar materno isto não passou desapercebido.

— Não; fiz mal em te fallar, porque estais com febre..... eu vou-me embora.....

— Não, minha mãe, fallai, fallai: dizeis que o Sr. de.....

— Bem; o desgosto não é lá tão grande.....

— Um desgosto!.....

— Oh! não para elle, mas para nós porque ficamos outra vez sem o vermos por um anno.

— Partiu! exclamou com voz abafada e cahindo sobre o travesseiro. Porque acreditei que elle havia de ficar?

— Acreditar que elle ficaria! repetiu machinalmente a mãe, levantando a cabeça e enrugando a sobrançella como se procurasse reunir os fragmentos dispersos de suas idéas. Eufão ella não ignorava que elle ia partir.... mas se soubesse.....

Um raio de luz aclarou o espirito da Sra. Villeneuve.

— Ah! desgastada! tu amas o Sr. de Chateilles.

A moça escondeu o rosto nas mãos tremulas, os soluços rebentaram de seu seio.

(*Continúa.*)

Variedades.

OS AZECTS.

Ultimamente, o imperador dos Francezes recebeu nas Tuilleries ao Sr. Arnault, director do Hypodromo, que apresentou a S. M. dous Azects, que acabava de contratar. S. M. examinou com verdadeiro interesse esses dous seres extraordinarios, que pertencem a uma raça humana desconhecida até esta data.

O Sr. Arnault, apresentou ao depois os Azects a diferentes membros do Instituto; e Mr. Serres, o sabio professor de anatomia do Museu de historia natural, exprimiu a tal respeito toda a sua admiração.

Um destes dous Azects é um rapaz, e o outro uma rapariga: o rapaz parece ter dezoito annos; tem trinta polegadas e seis linhas de alto, peza vinte cinco libras, e a circunferencia da sua cabeça é de dez polegadas; a rapariga, que figura ter quatorze annos, tem de altura vinte cinco polegadas e nove linhas, peza dezoito libras, e a circunferencia da cabeça é de nove polegadas e quatro linhas,

As suas fôrmas corporaes são perfeitamente proporcionaes; só os seus semblantes apresentam uma especie de anomalia; a proeminencia do nariz, a saliencia do beijo superior, e a reentrada da barba ou queixo inferior, approxinão o seu semblante do typo do passaro, de quem tem a vivacidade e ligeireza: sempre em movimento, são comtudo mansos; familiares, doces, e de um genio mui alegre; são tambem muito intelligentes, e percebem os gestos; a sua presenca em Pariz, é de um grande interesse para os progressos da sciencia anthropologica.

IMPORTANTANCIA DO NUMERO 4.

Certo dia, o quarto da semana, segundo conta o *Corsaire*, discutia-se em casa do Sr. Quatro-maes de Quiney sobre a emportancia dos numeros: nus davão a palma ao n. 3, outros ao n. 7. Entim o Sr. Quatro-barbas levantou a voz e pleiteou a causa do n. 4. Este numero é, segundo elle, um dos mais essenciaes. E na verdade não temos nós os 4 Evangelistas, os 4 pontos cardaeos, os 4 filhos de Aymon, os 4 membros, as 4 idades da vida, as 4 partes envariaveis do discurso, as 4 estações, os 4 naipes no baralho de cartas e os 4 mosqueteiros de Alexandre Dumas? Alem disso, não se acha provado, que Cesar morreu 44 annos antes da viuda de Christo, que tambem morreu no 4 anno da docentesima olympiada?

La esquecendo os 4 elementos; com que os physicos modernos não se têm querido contentar, depois as 4 partes do mundo, a que os nossos geographos annexarão sem nosso consentimento, uma quinta parte; ha ainda o vinagre dos 4 ladroes; os Christãos têm as 4 temporas, sem fallar-mos das nossas carruagens, que têm 4 rodas, dos animaes que as puxão que têm 4 pés e de nossas mulheres, que ás vezes fazem o diabo a 4, com o que leitoras não vos agasteis de sorte que não façais descer os degrãos de vossa casa 4 a 4.

Charada.

Sou antipoda de la
Sou pronome pessoal
Em vez d'aquelle que adoro
Ai de mim! derão-me esta

CONCEITO.

Sou sôr mimosa
Muito custosa
Mas não cheirosa.

C. V. F.

Acompanha. esté n.º 48, uma gravura com figurinos aos banhos e meio passeio.